

“Botar um roçado depois ir pro forró”: festa e trabalho na Serra da Gameleira (RN).

"Putting a scuffed then go to forró": party and work in Sierra Gameleira (RN).

Flávio Rodrigo Freire Ferreira*

Resumo: O presente artigo objetiva compreender como festa e trabalho, informam sobre a organização social na Serra da Gameleira (RN). Apresenta-se a serra com suas divisões: Gameleira de Baixo, Gameleira de Cima e Chaves Belas. A seguir articulam-se as categorias de forrozeiros e roceiros na prática. É perceptível a importante relação existente entre “tempo de trabalho” e “tempo de festa”. Para uma melhor compreensão foi elaborado um calendário que articula essas dimensões. Por fim concluímos mostrando que o trabalho na serra, bem como as festas de forró, aparece como momentos propícios à cooperação entre as pessoas e aos encontros entre os diferentes grupos sociais no espaço da Serra.

Palavras-chave: Festa de forró. Serra da Gameleira. Trabalho.

Abstract: This article aims to understand how to party and work, report on the social organization in Sierra Gameleira (RN). It shows the mountain with its divisions: Gameleira Low, Gameleira Angle and Keys Fine. The following are articulated categories of forrozeiros and planters in practice. It is apparent the important relationship between "work time" and "party time". For a better understanding was drawn up a calendar that combines these dimensions. Finally we conclude by showing that the work in the mountains, as well as forró parties, it appears as moments conducive to cooperation among people and the encounters between different social groups within the Sierra.

Keywords: Forró party. Sierra Gameleira. Work.

INTRODUÇÃO

Essa minha rabequinha é meus pés e minhas mãos, minha foice e meu machado, é meu mio e meu feijão, é minha planta de fumo, minha safra de algodão¹.

O presente artigo propõe uma reflexão do cotidiano na Serra da Gameleira (São Tomé-RN), articulando festa e trabalho. A proposta suscita a seguinte questão: qual relação podemos estabelecer entre os diferentes fatos da vida cotidiana? A intenção é perceber a relevância que os moradores atribuem às festas, articuladas a noção de trabalho. Na

* Doutorando em Ciências Sociais (UNICAMP) bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este artigo é um capítulo da dissertação de mestrado defendida em julho de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFRN).

¹ Poesia de Cego Sinfrônio Pedro Martins, no livro *Cantadores* de Leonardo Mota (CASCUDO, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 1962).

articulação realizada entre eventos festivos e atividades produtivas, evidencia-se que as festas têm um papel fundamental na vida social dos moradores da Serra, além disso, possui linguagem própria que permite o estabelecimento das relações sociais (LEACH, 1996) entre os grupos, uma vez que integram a grande maioria dos moradores em um mesmo ambiente. Essa é vivenciada na prática através de uma ordem pré-estabelecida baseada numa seqüência de acontecimentos que tem como ponto principal o conjunto de lugares festivos para que o forró aconteça. Uma reflexão sistemática sobre as festas foi aprofundada em outro artigo (FERREIRA, 2010). Aqui a intenção é apresentar resultados da pesquisa que relacionam festa e trabalho.

Por meio de uma descrição sistemática, demonstra-se a equivalência, em termos de importância existente na Serra, na relação habitual que as pessoas mantêm com as festas e com as atividades produtivas diárias – o trabalho. A partir disso, as festas estão bastante próximas e articuladas com essas atividades, isto é, que os eventos festivos selecionam elementos da vida diária: “Toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana” (AMARAL, 1998: 39). Nesse contexto, “extra-cotidiano” significa dispor de momentos em que o cotidiano possa ser desenrolado junto aos seus próprios elementos, ou seja, o “extra” não quer dizer fora do cotidiano nem nega o ritmo diário. Como diria Roberto DaMatta, “O rito dá asas ao plano social e inventa, talvez, sua mais profunda realidade” (DAMATTA, 1981: 31). Portanto, o momento das festas é uma ocorrência que, certamente, faz parte da vida diária. É através da cooperação que todos se reúnem nos roçados e em seguida nas festas de forró, vivenciando e construindo suas relações diárias (GUARINELLO, 2001).

Mostrarei, mediante a elaboração de um calendário que relaciona trabalho e festa, que, em diferentes momentos do ano, a festa alcança seu ápice, com número maior de ocorrências, ou diminui sensivelmente de quantidade. Isso revela que as épocas de maior freqüência de eventos festivos são ocasiões de fertilidade. O contrário também é verdadeiro, quando as chuvas cessam, as festas diminuem e inicia-se um tempo de privação.

José Guilherme Magnani (1998: 116) admite a existência de uma sociabilidade intrínseca à vida social nos locais tidos como rurais quando conclui que “nas pequenas comunidades todos se conhecem”. Esta assertiva provoca a possibilidade de transpor a utilização dos conceitos e de pensar que é preciso observar o modo como as pessoas se conhecem e convivem diariamente. As regras da vida social em um ambiente rural são importantes para a compreensão da dinâmica social própria daquele local. Estudos relativamente recentes tratam a sociabilidade como prática propícia para afirmação de valores, reforço de certos tipos de relação e afirmação de identidades coletivas vivenciadas no seio de determinados grupos sociais (REZENDE, 2001: 1). Como veremos a seguir a

Serra da Gameleira caracteriza-se por ser um espaço social dividido entre grupos de famílias separados por grupos de residências.

UMA SERRA DIVIDIDA

A Serra da Gameleira é um espaço social circunscrito que integra grupos sociais de origens étnicas diferentes, através de certo modo de convivência e interação. A Serra, não é um espaço vazio ou inóspito, mas um local repleto de históricas relações sociais que possuem regras interna de convivências. Quem é da Gameleira, é da Serra e, por isso, conhece as regras do local. As festas formam uma “rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência etc.” (MAGNANI, 1998: 115), vividas intensamente pelos moradores da Serra. Como todas as festas que acontecem na Serra estão “articuladas”, pensa-se também em trajetos festivos retomando uma metodologia descritiva de Magnani (1998), uma vez que as festas ocorrem, nos diferentes locais alternadamente.

A Serra é formada por moradores de três grupos de residência: Chaves Belas, Salgadinho (ou Gameleiras de Cima) e Gameleiras de Baixo. Realizo essa leitura, pois é a afirmação feita pelos próprios moradores da serra. A referência é precisa quando alguém aponta de onde uma pessoa é: “Ah, é aqui da Serra mesmo! Ali de Chaves Belas” ou “D’ali de Salgadinho”. As pessoas freqüentemente se deslocam e circulam entre essas três pequenas localidades, todos se conhecem e se relacionam, sempre reconhecendo de onde cada um é (se Chaves Belas, Gameleira de Cima ou de Baixo), uma vez que cada uma dessas áreas tem origens familiares distintas. Apesar dessa divisão interna, todos se reconhecem como sendo da serra. As diferenças funcionam como marcadores de um conhecimento sobre as redes de parentesco que dão vigor às práticas de sociabilidade e que formam um tipo de identidade local (MAGNANI, 1998), no qual as pessoas estão agrupadas num todo maior, que é a Serra da Gameleira.

Todas essas relações sociais acontecem em um ambiente rural em que a noção de roçado é muito presente para designar os locais de trabalho dos grupos familiares, moradores da Serra. Veremos que nesse espaço social, dividido, moram pessoas que tiram o seu sustento da agricultura. São trabalhadores rurais que ao longo do tempo aprenderam um saber especializado para poderem lidar com a terra.

FORROZEIROS E ROCEIROS

Por estar localizada em contexto rural, os moradores da serra têm um modo de vida camponês, de acordo com o que aprenderam ao longo de suas vidas. O objetivo aqui é

estabelecer relações entre estudos clássicos sobre o modo de vida rural – campesinato – e a realidade observada na Serra da Gameleira, a fim de compreender melhor o contexto local. Para tanto, abordaremos estudos sobre a vida rural brasileira e demonstraremos adiante de que forma a realidade campestre visualizada na Serra se enquadra no formato de organização social camponesa. Acreditamos que os estudos sobre campesinato devem “romper com a primazia do econômico e privilegiar os aspectos ligados à cultura” (GODOI, 2009: 11).

O trabalho de Antônio Cândido (1971: 21) integra o universo das culturas “rústicas” e chama atenção para os grupos que ficaram à margem no processo de colonização, até então não contemplados pelas interpretações mais amplas de nossa constituição histórica. Nesse sentido estamos chamando atenção para um espaço rural, no qual convivem grupos que historicamente ficaram relegados em segundo plano. Que sequer tiveram sua presença no local reconhecida.

Em contexto mais próximo da realidade observada, encontramos Lygia Sigaud (1979), que nos faz refletir sobre trabalhadores rurais no interior de Pernambuco ao mostrar inovação no que concerne aos estudos sobre o universo rural. O trabalho e as festas são marcas presentes no mundo rural (PRADO, 1977). Preocupados em compreender como o tempo é percebido pelos moradores de Gameleiras e destacando a oposição entre tempo do inverno e do verão, demonstraremos que as festas estão intimamente relacionadas à noção de trabalho. Em seu estudo, Prado (1977) classifica as atividades de trabalho coletivo basicamente em roçagem, plantio e colheita, algo muito presente na Serra da Gameleira. Em alguns o presente estudo aproxima-se do trabalho citado, porém como uma festa que associa as pessoas para um fim comum, que é pautado no encontro, favorecendo a minimização dos conflitos.

O uso original do termo “rural” dizia respeito exclusivamente à localização espacial de uma comunidade. No início da década de 1980, os estudos sobre o universo rural ou campesinato começam a considerar outros elementos da vida social que não apenas o local, o trabalho ou os trabalhadores. Em uma análise sobre a família rural, Mauro Almeida (1986) aponta para ocorrência de atividades rotineiras que funcionam como fator de integração entre as pessoas:

*Uma maneira de descrever tais grupos é indicar os contextos em que unidades domésticas distintas se mobilizam em torno de fins ou interesses comuns expressando os vínculos que as unem na linguagem do parentesco. Um contexto típico é a **cooperação** num âmbito local. Assim, vizinhos mobilizam-se rotineiramente em áreas rurais para troca de certos tipos de alimento, para troca de dias de trabalho, para construção de casas, para caçar grandes animais, para uma pescaria conjunta e para **as festas** (ALMEIDA, 1986: 17, grifo nosso).*

Nesta citação está implícita a idéia de que as famílias e os grupos de parentes

próximos podem adquirir uma dimensão corporativa (WOORTMANN, 1984 *apud* ALMEIDA, 1986) e associativa para além da esfera do trabalho. A categoria trabalho está “associada à agricultura, designando trabalho para si” (MEYER, 1979: 76). Essa dimensão cooperativa presente no desempenho de atividades produtivas entre os grupos de parentes da Serra da Gameleira também abrange outra atividade que está mais associada ao lazer e ao divertimento, que são exatamente as ocorrências das festas de forró. Nos forrós, assim como nos roçados, os grupos familiares cooperam e ao final do dia as festas concretizam um trabalho realizado em conjunto. Percebemos, assim, o quanto é estreita a relação existente entre festa e trabalho no universo rural e como o tempo é importante nessa relação, pois mede a ocorrência tanto das atividades festivas quanto das atividades produtivas.

TEMPO DE TRABALHO, TEMPO DE FESTA

A categoria tempo é fundamental para a organização social na Serra da Gameleira e para a compreensão da vida diária dos grupos familiares, já que determina os períodos referentes às festas e ao trabalho. A noção de tempo é baseada numa clara aproximação com os momentos que “são principalmente reflexos de suas relações com o meio ambiente – tempo ecológico” (EVANS-PRITCHARD, 1978: 108). Na Serra da Gameleira o tempo ecológico corresponde a um ciclo anual empregado para diferenciar períodos das estações do ano. Esse ciclo tem duas estações principais de dois meses, com variações climáticas no início e no final de cada período. “O ritmo ecológico [divide] o ano em dois: a estação das chuvas e a estação das secas”, uma vez que as categorias locais de tempo e de espaço são determinadas pelo ambiente físico. Na relação trabalho e festa, a contagem do tempo na Serra obedece a um sistema cíclico (CALAVIA SAEZ, 2006: 369), conferindo uma passagem de tempo que se repete durante os anos, orientando o processo agrícola nas plantações e atividades produtivas realizadas nos roçados.

O período chuvoso inicia-se em meados de março e termina no começo de agosto, quando se principia um tempo de escassez de chuva, às vezes de forte seca, que se estende até fevereiro do ano seguinte. Durante o inverno, os homens vão trabalhar no roçado juntamente com suas mulheres – caso estas não possuam “filho de braço” – a partir das cinco horas da manhã. Ambos, com mais ênfase ao gênero feminino, se dedicam a cuidar de animais de pequenos portes, como galinhas, porcos e cabras. Ocasionalmente, quando existe algum animal de grande porte, como bovinos e eqüinos, ao homem cabe o trato necessário. Ao meio-dia, retornam para casa e almoçam. A esposa ou o filho adolescente são encarregados para o preparo da comida. Geralmente, à tarde, chove

bastante, dificultando o regresso para os roçados.

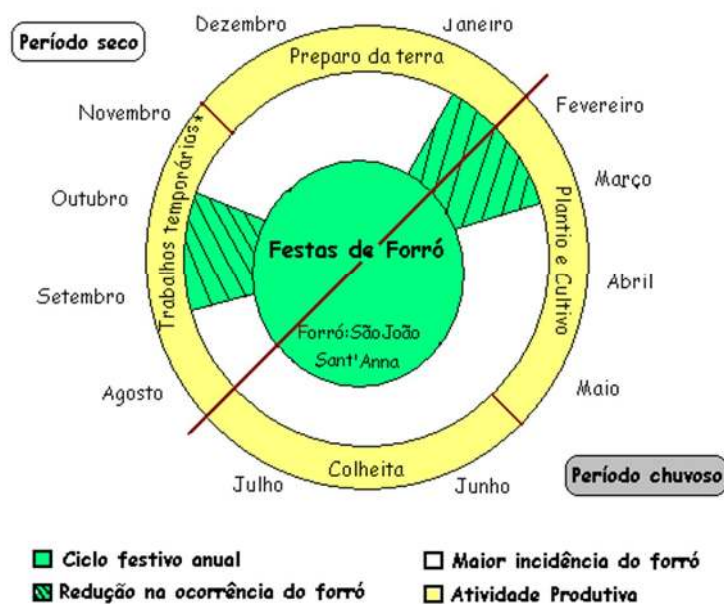
Na época de escassez, há uma redução significativa das plantações e, conseqüentemente, a atividade produtiva rural se modifica. Nesse período, a procura por trabalhos temporários em minérios e no corte de lenhas é uma prática comum entre os trabalhadores rurais. Nas proximidades da Serra, existe exploração mineral – inclusive foi firmado um acordo com a Associação comunitária para exploração de minério. O corte de lenha serve basicamente para abastecer as sedes dos municípios, já que é mais barato do que trabalhar com forno a gás. Durante essa fase, há uma diminuição das ocorrências da festa de forró.

O preparo da terra ocorre entre dezembro e janeiro. Nesse momento, as festas acontecem regularmente, sem redução. Porém, do final de janeiro ao início de março, há outra redução dos forrós, porque há uma preocupação exacerbada com o plantio e é preciso aproveitar as chuvas que estão começando a cair.

O calendário abaixo² apresenta as principais atividades coletivas da Serra: o trabalho e as festas. Nele, ressalta-se como as festas de forró concretizam um trabalho realizado em grupo, com forte presença durante as atividades produtivas, notadamente as ligadas à agricultura.

² Atualmente o mês é utilizado como unidade de tempo para o recebimento mensal de benefícios sociais, como bolsa família e aposentadorias, com referência clara ao “final do mês”, que fez borrar as unidades de tempo nativas. Nossa abordagem utiliza a contagem do tempo através dos meses apenas como construção analítica, pois acreditamos que para o trabalho agrícola, o tempo ecológico ainda prevalece, como apresentado no gráfico anterior, através das atividades produtivas: plantio e cultivo; preparo da terra; colheita; e trabalhos temporários.

Calendário anual: festa e trabalho



* Trabalhos em minérios, corte de lenha e ocorrência do forró fora da Serra.

Gráfico – Calendário anual: festa e trabalho.
Fonte: elaborado pelo autor.

O calendário está organizado conforme a existência de três círculos: o menor indica a presença de forrós na Serra durante todo o ano; o intermediário representa as ocorrências do forró dividido em grupos de grande incidência e momentos de redução; e o círculo externo sintetiza as atividades produtivas que acontecem concomitantes às festas de forró. A linha que corta o gráfico ao meio divide o ano em duas estações: verão e inverno – ou melhor, “seca e chuva”. Já as linhas pequenas que cortam o círculo externo separam os diferentes momentos das atividades produtivas. As legendas abaixo do calendário explicam os fatos, em relação aos meses do ano.

Como visto no calendário, entre o preparo da terra, plantio e cultivo a ocorrência dos forrós é em menor escala do que na colheita. Isso é devido ao momento da colheita ser o mais importante, quando as festas atingem o seu auge, trazendo até mesmo pessoas que não moram mais na comunidade de volta ao local, e fazendo com que todas as atenções estejam voltadas para um “tempo de fartura”. Percebe-se, portanto, a existência desse sistema de contagem de tempo graças à atenção voltada para as questões práticas diárias, aliadas aos momentos de festa que sempre estão articulados com o trabalho nos roçados.

O ano tem duas estações principais no sertão e essa divisão é uma maneira de encarar o movimento do tempo, que está atrelado ao trabalho, também do ponto de vista festivo. O conceito de estações deriva das mudanças climáticas rígidas entre sol e chuva. Já

as mudanças nas atividades sociais produtivas são dependentes dessas mudanças. Qual a resposta dada em Gameleiras à divisão climática em períodos chuvosos e secos? Na Serra, existe essa variação no desempenho das atividades produtivas, pois, após o período chuvoso, os trabalhos cessam e a própria vida na comunidade é modificada. É um contraste entre os modos de vida na seca e no auge das chuvas, mas esse contraste também serve para regular a contagem do tempo (MAUSS, 1978). O calendário na Serra de Gameleiras obedece a um ciclo anual que relaciona atividades produtivas e festas de forró e os dois não podem ser isolados, já que existe uma cooperação durante e após o trabalho agrícola para que as festas se realizem. O sentido festivo está articulado com a concretização das atividades sociais produtivas.

A relação estabelecida entre festa e trabalho é fundamental para compreensão da realidade da Serra. O forró da Serra da Gameleira também está relacionado com a contagem cíclica do tempo, principalmente pelo elevado grau de importância que este adquire no contexto local em que é realizado. Essa característica associada à passagem do tempo está articulada à perspectiva da presente análise, em que tudo gira em torno da ocorrência das festas.

Fertilidade e privação

Na Serra da Gameleira, as festas demarcam etapas dos anos, assim como os momentos de fertilidade e de privação. O tempo de fertilidade acontece nos meses de junho e julho, no auge das festas juninas. Geralmente, os meses de festividade são representados pelos nomes dos santos celebrados, como São João e Sant'Anna. Estas festas estão associadas à épocas de colheitas, principalmente de milho e feijão, produtos considerados fundamentais para o comércio e alimentação. É nesse momento que as festas atraem a participação de pessoas de “cidades” vizinhas, como São Tomé e Lajes Pintadas. São filhos, irmãos, sobrinhos, enfim, familiares e amigos que “vêm visitar” (LANNA, 1995: 172) e comemorar o ciclo anual, acontecimentos tão marcante para a região. Como assinala Chianca (1999: 61), “A festa junina é uma festa familiar, certamente, mas essa família estende-se aos amigos e vizinhos”.

A festa da santa padroeira da Gameleira, Nossa Senhora da Guia, ocorre na primeira metade do mês de agosto e está associado a uma transição que marca o fim da fertilidade e o início das privações. Esse ciclo é caracterizado pelas ausências de chuvas e festas em favor da santa padroeira e da capela, organizadas pela família de Zé Menino – representantes das atividades religiosas da Serra. Após essa celebração, há uma diminuição progressiva das festividades, o que configura o início de um tempo de privação.

Dessa forma, pode-se inferir que os santos celebrados no mês de junho e julho – Santo Antônio, São João, São Pedro e Sant’Anna – são indicadores de um período de abundância para a comunidade e, conseqüentemente, de grande extravagância e euforia evidenciadas nas freqüentes festas de forró que reúnem os moradores da Serra. Trata-se de um ciclo anual intensamente festejado, não apenas por se tratar da fertilidade, mas também porque representa o clima junino existente na Serra. Como lembra Chianca (1999: 61), “O forró é a dança mais espontânea do período junino porque não obedece a nenhuma coreografia pré-estabelecida e pode ser dançado por um casal qualquer e em qualquer lugar”. A partir disso, pergunta-se: como a passagem desse tempo está articulada nos roçados e nas festas?

“Botar um roçado”

O tempo das atividades produtivas e o tempo das festas são dois momentos presentes na vida dos moradores da Serra da Gameleira que estão intimamente interligados. Como enfatizado por Roberto DaMata, “As sociedades alternam suas vidas entre rotinas e ritos, trabalho e festa [...]” (DAMATTA, 1986: 57). A rotina e os ritos configuram a vida diária e social da comunidade Gameleira. As festas na Serra são momentos que propiciam a inclusão de diferentes segmentos sociais separados pelas moradias e origens familiares. No seu dia-a-dia, as famílias ficam limitadas apenas ao trabalho em seu roçado, sem contato direto com o restante da população. Com a ocorrência das festas, as distâncias sociais entre os grupos são reduzidas, gerando o seu oposto: a união. Em dias de festas, ouve-se de longe as músicas que são tocadas nas casas e possibilita-se essa aproximação. O forró, qualquer que seja, é sempre o ritmo escolhido: “Só é bom se for forró”, afirmam os moradores. Diante disso, os forrós apresentam uma (re) criação da vida diária, ampliando a convivência além das relações de parentesco que permeiam o cotidiano familiar. Segundo DaMatta, “Todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais” (DAMATTA, 1986: 69).

A vida na Serra obedece ao seguinte movimento: **cooperação** (roçado) □ **separação** (moradia) □ **cooperação** (forrós).

A produção econômica camponesa obedece a uma lógica familiar: a do “modo de produção doméstico” (SAHLINS, 1987). Os roçados e a divisão de terras têm importância fundamental na vida social da população. Uma idéia que direciona o local de trabalho no dia-a-dia do agricultor (camponês) e sua família é a noção de roçado “como uma pequena parcela de terra para o plantio de subsistência” (LANNA, 1995: 123). O roçado, portanto, é o

local do trabalho e as plantações se referem aos produtos frutos desse cultivo. Na Gameleira, todos trabalham em seus pequenos roçados e não existe a perspectiva dual da relação morador x patrão, base de uma lógica patronal (LANNA, 1995). A inexistência na Serra de grandes proprietários ou fazendeiros faz com que ocorra abertamente entre os moradores uma prática de cooperação do trabalho rural, uma vez que todos residem em suas pequenas casas e trabalham nas terras que se localizam ao redor. Assim, as relações de trabalho nos roçados são reguladas fundamentalmente pelo parentesco (WOORTMANN, 1995), que caracteriza a chamada produção camponesa. Essa produção deve ser entendida como manifestação de um sistema camponês muito diferente do sistema de morada conceituado por Lanna (1995), no qual os moradores vivem nas terras dos grandes proprietários.

A produção agrícola de subsistência é difícil de ser precisamente quantificada, pois é algo não direcionado especificamente ao comércio. O que é produzido é dividido em pequenas escalas, em que uma parte é armazenada para consumo próprio e a outra levada para ser comercializada na feira. Planta-se, principalmente, feijão, milho e fava³, e ocasionalmente o jerimum⁴. Esses produtos geralmente são vendidos pelos próprios produtores na feira local de São Tomé, que acontece aos sábados. O milho é o mais comercializado devido ao período junino que coincide com a colheita. A fava, assim como o feijão, é armazenada em grande quantidade. O feijão verde é o mais cultivado, pois o que não é vendido é armazenado como feijão seco para o consumo familiar no decorrer do ano.

Os frutos nativos, como o imbu – fruto do imbuzeiro –, são pouco comercializados nas feiras e nos comércios “da rua” (referência local à sede do município). Nesses espaços, encontramos apenas frutos como banana, maracujá e limão. Segundo Severino Domingos, 59 anos, um roceiro da Serra: “Isso é fruta do mato, aqui tem muito, ninguém procura, só a gente mesmo, assim que quando passa, apanha pra chupar”.

O ideal para esses pequenos agricultores é, durante a colheita, armazenar uma quantidade suficiente de feijão e milho para o consumo familiar anual. Esses produtos são estocados em grandes tambores em um local da casa considerado seguro, distante de animais e bichos peçonhentos. Os pequenos animais, como galinhas, ocasionalmente caprinos e porcos, são criados no quintal e alimentados com os restos de comida da família. Esses pequenos animais são tidos como fonte de reserva alimentar e comercial para o período seco. As casas de forró são de fundamental importância nesse processo, pois ajuda

³ “Bot. Planta de caule ereto, ornamental, da família das leguminosas (Vicia faba), com propriedades medicinais, de flores alvas ou róseas, com máculas negras nas asas, dispostas em racimos axilares, e cujo fruto é vagem viscosa, verde ou preta, comestível, com várias sementes”. (HOLANDA, 2005).

⁴ “Fruto da aboboreira, normalmente tirante a amarelo-avermelhado, utilizadíssimo na alimentação humana, e cujas sementes (pevides), descascadas, entram no receituário médico popular como tenífugo. [Sin. (no N. e N.E.): jerimum]”. (HOLANDA, 2005).

a alimentar os pequenos animais. Além disso, em alguns casos, ela é também um local de redistribuição comercial. É comum encontrar na Gameleira pequenos comércios improvisados num cômodo da casa onde se vendem alimentos variados.

Os agricultores da Serra da Gameleira possuem um conjunto de técnicas próprias, repassadas dos mais velhos aos mais jovens e que são utilizadas para um trabalho bem sucedido. Geralmente, as terras não ficam desperdiçadas, sempre existe algum uso para elas, seja com animais pastando a mata espessa para a terra descansar, seja resguardando-a durante as fases de colheita. Antonio Cândido (1971), em “Os parceiros do Rio Bonito”, descreve as técnicas de plantio para as diversas espécies de milho, arroz e feijão utilizadas. Segundo o autor, o tempo do parceiro é regulado pelo ritmo de seu trabalho na lavoura. Por isso, as unidades de tempo que importam são o dia, a semana e o ano agrícola. O mês, fundamental para o trabalhador assalariado, é irrelevante nessa realidade.

Dezembro, janeiro e fevereiro são tempos de trabalho intenso, assim como de ocorrência festiva. É ocasião de preparo da terra que virá a ser transformada em roçado durante o período chuvoso, em fins de janeiro e início de fevereiro. No mês de março até o final de abril é comum a incidência diária de chuvas. Ao longo desse mês, as terras estão molhadas, o que favorece a germinação das sementes e o plantio. Em fins de agosto, inicia-se o período de estiagem e a terra seca e fragilizada precisa descansar e se recuperar para o próximo plantio. Ellen Woortmann e Klaas Woortmann (1997) mostram que essa relação é sagrada para o sitiante, pois este cuida da terra como um ser vivo que também precisa descansar. A partir de então, na Gameleira, é hora de colocar os animais de grande e pequeno porte para dentro dos roçados e transformá-los em pastos. Os maiores animais, como vacas, cavalos e jumentos, ficam sempre nos pastos; já os menores, como cabras e ovelhas, retornam para o quintal ao final do dia, onde estão mais seguros. A terra descansa com o adubo desses animais. Após todo esse intenso movimento de atividades diárias, os grupos vão aos forrós, já à noite.

As plantações agrícolas são dificultadas pela irregularidade dos terrenos. Os roçados têm que ser feitos no alto de serrotes em sentido declinado e os terrenos acidentados não ajudam as plantações. Porém, segundo a visão dos agricultores, apesar das irregularidades, as terras são boas para o plantio, já que “aqui tudo que se planta nasce”.

Uma boa plantação precisa de pelo menos mil covas (abertura na terra) de espaço, que equivale a 25 braços de comprimento por 25 de largura. As plantações ocorrem em sentido horizontal/vertical, tendo como referência a terra. Habitualmente, é preciso dispor entre 4,5 e 5 palmos de distância (aproximadamente 70 cm) de uma semente para a outra, para que não haja o risco das sementes “não saírem” ou, se saírem, ficarem muito próximas e não crescerem. A única exceção é um tipo de feijão plantado na Serra, conhecido como

feijão estendedor, o qual precisa ser plantado com nove palmos de distância de um para o outro para poder germinar. A imagem seguinte mostra o resultado do trabalho agrícola dos moradores da Serra.



Foto: Plantações de milho, feijão e espaço de “mata” na Serra da Gameleira
Fonte: acervo da pesquisa (fotografia do autor).

Por se tratar de terrenos acidentados em alguns pontos, é comum o acúmulo de água após as chuvas. São nesses locais – conhecidos como vargens – que ocorrem as plantações nos períodos marcados pela ausência de chuvas, uma vez que apresentam terras mais úmidas e estão localizadas às margens de pequenos açudes e rios.

Na Serra, existem espaços que não são aproveitados para o plantio e, por isso, são conservados como sempre estiveram – permeados de mato nativo. O mato é uma reserva de recursos renováveis e fornece os meios para reprodução social das práticas tradicionais camponesas (WOORTMANN e WOORTMANN, 1997: 29) e é dele que se retiram ervas medicinais, galhos de folhas para rezadeira, lenha, alimento, caça, entre outros. Existe um extenso repertório de plantas “do mato” que são utilizadas como alimento pelos moradores e pelos animais, tais como: Mucunã⁵ (que precisa ser lavado em nove águas), o Sodoro (xiquexique⁶), a Macambira⁷ e a Maniçoba⁸. Esse repertório de alimentos são constantemente referenciados quando as pessoas lembram dos tempos de dificuldade, em que não se tinha nem o que comer devido a seca.

⁵ “[Do tupi: Mucunã] Bot. Gênero de plantas herbáceas e trepadeiras lenhosas tropicais, da família das leguminosas, dotadas de folhas trifolioladas e flores exuberantes, em racemos pedunculados, axilares”. (HOLANDA, 2005).

⁶ “[De tapuia] Bras. N.E. Bot. Espécime da família das cactáceas (*Pilocereus gounellei*), característico das caatingas sáfaras, cujo caule é um cladódio sem folhas, espinhoso, rico em água. É cilíndrico-anguloso e cespitoso. [Sin: alastrado, xinane]” (HOLANDA, 2005).

⁷ “[Do tupi] Bras. N.E. Bot. Planta da família das bromeliáceas (*Bromélia laciniosa*), de folhas rígidas e espinhosas, muito dispersa nas regiões secas nordestinas, onde o povo, premido pela fome resultante da seca, prepara, com as folhas dela, uma espécie de pão sem qualquer valor nutritivo; estas folhas são usadas como forragem” (HOLANDA, 2005).

⁸ “[Do tupi] Bot. Arvoreta da família das euforbiáceas (*Manihot glaziovii*), própria do N.E., da qual se extraiu, no passado, o látex, para produzir borracha, que é de segunda classe, e cujo fruto é uma cápsula que se abre em três porções; maniçobeira” (HOLANDA, 2005).

As festas de forró são inscritas na história local, realizadas através da cooperação dos grupos que se inicia por meio do trabalho agrícola. Mostramos, dessa forma, que a relação festa e roçados estão muito próximas, já que é impossível pensar as festas desarticuladas dos forrós. Um fator que une festa e trabalho é a cooperação entre as famílias, nos roçados e na organização dos eventos. Percebemos que a existência de lugares festivos permite que os encontros aconteçam regularmente durante o ano inteiro, de maneira cíclica. Depois de toda essa investida realizada para relacionar festa, tempo e trabalho, podemos considerar o forró como sendo festa e dança integradas às atividades produtivas, mais especificamente à produção agrícola.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Mauro. Redescobrimo a família rural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ANPOCS, n. 1, jun. de 1986.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. 380 f. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 1998.

CALAVIA SAEZ, Oscar. **O Nome e o Tempo dos Yaminawa**. São Paulo Ed. Unesp; Rio de Janeiro: NUTI, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre a crise nos meios de subsistência do caipira paulista. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

CHIANCA, Luciana. **A festa do interior** – São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. 1. ed. Natal: Edufrn, 2006. 164 p.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1981.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FERREIRA, Flávio Rodrigo Freire. Uma serra de forrós: sociabilidade e festas em Gameleiras – RN. **Revista Campos de Antropologia-UFPR**, 11 (1) 85-104, 2010.

GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo (orgs). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias: construções identitárias e sociabilidades**. v.1. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

GUARINELLO, Norberto L. **Festa, Trabalho e Cotidiano**. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. Vol. II São Paulo: EDUSP, 2001.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Aurélio**: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. 2005.

LANNA, Marcos. **A Dívida divina**. Troca e patronagem no Nordeste Brasileiro. Campinas: Ed.Unicamp, 1995.

LEACH, Edmund R. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia**: Um estudo da estrutura social kachin. São Paulo: Edusp, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas elementares de Parentesco**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1982.

MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. (Vol. I e II).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco** – cultura popular e lazer na cidade. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Ed. Unesp, 1998. 166p.

MEYER, Doris. **A terra do santo e o mundo dos engenhos**: estudo de uma comunidade rural nordestina. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 1998. p. 17-35.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PINTO, Tiago de Oliveira. Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v.44, n.1, 2001.

PRADO, Regina Paula dos Santos. **Todo ano tem**. As Festas na Estrutura Social Camponesa. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado, Museu Nacional/UFRJ, 1977.

REZENDE, Claudia Barcellos. Os limites da sociabilidade: cariocas e nordestinos na feira de São Cristóvão. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 161 p.

SIGAUD, Lygia. **Os Clandestinos e os Direitos**. Estudo sobre Trabalhadores da Cana-de-açúcar de Pernambuco. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**: a lógica e simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Ed. da UnB, 1997.

WOORTMANN, Ellen. **Parentesco e reprodução camponesa**. XVII Encontro Anual da ANPOCS, 1984.

_____. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1995.

Recebido em *setembro* de 2011
Aprovado em *novembro* de 2011